



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ISABEL CRISTINNA DO NASCIMENTO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLHA OCUPACIONAL DA
POPULAÇÃO NEGRA.**

Brasília - DF

2019

ISABEL CRISTINNA DO NASCIMENTO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLHA OCUPACIONAL DA
POPULAÇÃO NEGRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional. Sob orientação da Prof^a. Dra Josenaide Engracia dos Santos.

Brasília – DF

2019

ISABEL CRISTINNA DO NASCIMENTO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLHA OCUPACIONAL DA
POPULAÇÃO NEGRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Especialista, Uguiarlem Ribeiro Durães

Pós Doutorado, Josenaide Engracia dos Santos

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, ao meu pai Lucas, minha mãe Maria Leonilia e minha irmã Karoline que sempre me ajudaram e me deram suporte em todos os momentos da minha vida. Meu pai por sempre acreditar em mim e por todo esforço que ele fez para que eu pudesse chegar onde cheguei. Minha mãe por todos os abraços, colos e choros que ela sustentou comigo. E Karoline por ser o melhor presente que a vida pudesse me dá, minha companheira.

Dedico e a todas as pessoas negras/pretas desse Brasil, pois o amor e o companheirismo preto curam, juntos sobrevivemos e juntos avançaremos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Universidade de Brasília por me mostrar um mundo onde o conhecimento vem através de todo tipo de troca acontecido no seu espaço. Quero agradecer a Josenaide Engracia dos Santos por ser um símbolo de resistência e de luta em que vou me inspirar ao longo da minha caminhada de vida.

RESUMO

Quando olhamos para o cenário atual do país conseguimos reconhecer que o Brasil é um país que tem a maioria da sua população composta por pessoas negras .O negro recebe a “marca” do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. O racismo é visto como uma relação de poder que serve como arma de dominação perante ao outro, no caso a população negra e a prática de discriminação racial se concretiza em varias campos como educação, trabalho, o econômico, o cultural e o penal. Objetivos: Compreender a influência do racismo na escolha ocupacional da população negra, descrever as escolhas ocupacionais, explicar e relatar os episódios de racismo e se interferiam nas suas escolhas. Metodologia: Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, participaram da pesquisa 05 adultos com idade acima de 18 anos que se autodeclaram negros sendo homens e mulheres, e os dados foram analisados a partir da análise da narrativa biográfica. O racismo é uma arma de dominação que influencia as escolhas ocupacionais da população negra, pois está inserido na estrutura da sociedade brasileira, diminuindo e modificando as oportunidades do negro.

Palavras chave: Negro, escolha ocupacional, racismo, influência, oportunidade.

ABSTRACT

When we look at the current scenario of the country we can recognize that Brazil is a country that has the majority of its population composed of black people. Black receives the "mark" of stigma, having its skin color used as the main element of stigmatization. Racism is seen as a relation of power that serves as a weapon of resemblance to the other, in the case the black population and the practice of racial discrimination is realized in several fields such as education, work, economic, cultural and penal. Objectives: To understand the influence of racism on the occupational choice of the black population, to describe occupational choices, to explain and report episodes of racism, and to interfere with their choices. Methodology: This is a qualitative, exploratory and descriptive study, 05 adults over 18 years of age who self-described black men and women participated in the study. And for the analysis of data was made from the biographical narrative. Racism is a weapon of domination that influences the occupational choices of the black population, since it is embedded in the structure of Brazilian society, diminishing and modifying the black's opportunities.

Key-words: Black, occupational choice, racism, influence, opportunity.

LISTA DE ABREVIATURAS

DF- Distrito Federal

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. MARCO TEÓRICO.....	14
3. OBJETIVO.....	16
3.1 objetivos gerais.....	16
3.2 objetivos específicos.....	16
4. METODOLOGIA.....	17
4.1 análise de dados	17
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
5.1 narrativa biográfica.....	19
5.2 análise das narrativas que se seguem diz respeito a percepção sobre o racismo vivenciado ou narrado a partir da vivência de outros membros familiares.....	19
5.3 análise das narrativas que se seguem, diz respeito a falta de oportunidade associada com o racismo vivenciado ou narrado a partir da vivência de outros membros familiares.....	23
5.4 análise das narrativas que se seguem diz respeito a influência do racismo nas escolhas ocupacionais, percebida nas narrativas ou não.....	26
6. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	34

1. INTRODUÇÃO

O racismo é uma ideologia, que induz e legitima os atos e ações preconceituosas e discriminatórias das pessoas. Munanga (2004) afirma:

“Racismo é a ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos raciais humanos. É um conjunto de ideias e imagens vinculadas a grupos humanos, baseadas na existência de raças superiores e inferiores (MUNANGA 2004, p. 8).

A abjeção de existência de raças superiores e inferiores, para Fernandes e Souza (2016) formulados a partir de teorias biológicas errôneas, fazem das marcas corporais elementos através dos quais se pode homogeneizar os sujeitos e naturalizar identidades. A ideia de raça dos sujeitos passou a ser deduzida por meio dessas marcas corporais. Como afirma Stuart Hall (2000) estabelecendo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. Stuart Hall (2000) afirma que o racismo é uma forma de negação e de mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças.

O negro recebe a “marca” do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. Frantz Fanon (2008) já havia chamado esse processo de “esquema epidérmico” do sistema colonial, o arcabouço de discursos culturais, políticos e históricos de estigmatização do negro. O racismo se expressa por meio de características contínuas e fenotípicas, e sincronicamente fragiliza, fraciona e torna inapto o segmento subalternizado (MOORE, 2007). Carlos Moore (2007) diz que:

“(…)o racismo que gera os piores e mais violentos preconceitos. Dentre eles, o mais profundo e abrangente é a noção da inferioridade e superioridade racial entre os seres humanos(…) Na sua origem, o racismo constituiu-se e consolidou-se por intermédio do exercício da agressão, da conquista, da dominação ou do extermínio de qualquer agrupamento humano existente fora dessas redes.”

A prática de discriminação racial se concretiza no campo econômico, cultural e penal, estão associação entre raça, cor, posição social e nível educacional e nas situações cotidianas. Em sua origem o racismo foi constituído e foi consolidado por meio da agressão, da conquista, da dominação ou extermínio e a sua dinâmica começa a se desenvolver dentro do

universo de atitudes, valores, temores e ódios que estão infiltrados no corpo social, político, econômico e cultural (MOORE, 2007), causando feridas.

As feridas da discriminação racial apresentam-se quando olhamos para a realidade social do país, que mesmo constituída de maioria negra, essa população é minoria nos aspectos econômicos, culturais e nos aspectos políticos (NASCIMENTO, 1978). O racismo institucional está presente, por exemplo, no isolamento dos negros (as) em determinados bairros, escolas e empregos.

Serge Moscovici (1978) salienta que “[...] o racismo é o caso extremo em que cada pessoa é julgada, percebida, vivida, como representante de uma sequência de outras pessoas ou de uma coletividade”. Na relação social, a “marca” que é impingida ao negro recai sobre ele um olhar de descrédito que impede que ele possa ser percebido em ocupações sem projeção social, os pequenos negócios ocupados pelos negros não passam de simples vendedores de ruas, eles ocupam as periferias e enfrentam a discriminação na busca por uma colocação ocupacional.

Com efeito, candidato de cor, mesmo com habilitação, para o comércio, escritórios, cinemas, consultórios, bares, hospitais, firmas estrangeiras e outros estabelecimentos que exigem pessoas de "boa aparência", não conseguem trabalho (...) É o preconceito de cor que se encontra em primeiro lugar como fator de desemprego (Nascimento, p.85,2016). Para Nogueira (1998) É o processo de estigmatização a que se encontram submetidos muitos sujeitos negros. É o repertório do execrável, ou seja, do inaceitável. Inviabilizando o acesso e a permanência do negro em espaços de poder.

Para que possamos ter uma ideia, o governo do Distrito Federal (2017) apresentou um estudo temático, que foi elaborado a partir das informações coletadas pela Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílio – PDAD/DF dos anos de 2011, 2013 e 2015, que traçou o perfil do negro no Distrito Federal caracterizando a escolaridade, ocupação, rendimento e inclusão digital dessa população. A pesquisa relata que:

“A diferenciação estabelecida entre Negros e Não Negros ativos no mercado de trabalho, no entanto, é percebida quando se analisam os perfis qualitativos de inserção do mercado de trabalho desses dois contingentes populacionais, como por exemplo, na sua distribuição por setores de atividade econômica e por ocupação exercida. Nas ocupações que exigem menor

qualificação profissional, caracterizadas pela incidência de trabalhos precários, o percentual de negros é grande e se sobrepõe ao de não negros.” (DISTRITO FEDERAL, 2017)

Vários estudos indicam que negros têm mais dificuldade para obter uma inserção regular no mercado de trabalho, mesmo quando a economia cresce num ritmo forte. E quando se insere no mercado, as suas escolhas ocupacionais podem ser influenciado concretamente pela sociedade. Bairros (1991, p. 182-183) identifica que a predominância das mulheres no ramo de prestação de serviço se deve “à sua concentração nos serviços pessoais (cabeleireiros, manicures, estilistas, lavadeiras, passadeiras, confecção [...]) e nos serviços domiciliares”. Nesse ramo, “o serviço doméstico remunerado é responsável por 67,8% da ocupação”. Nesse caso, verifica-se a existência de uma “apartação” entre negras e brancas, ou seja, nos serviços domiciliares, as negras, particularmente as pretas, chegam a 86,4% das trabalhadoras ocupadas. Fazer uma escolha ocupacional é sempre importante e pode sofrer influência de vários aspectos, objetivos e subjetivos, a partir das condições sociais, vulnerabilidades e étnicas. A ideia de que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão, não é uma ideia que sempre existiu. Nasceu no coração do capitalismo:

“ Antes do capitalismo, o indivíduo tinha sua ocupação determinada pelos laços de sangue, sua ocupação vinha de berço. Os servos teriam seus filhos e netos sempre servos; os senhores seriam sempre senhores. No capitalismo, o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Agora, ele precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. Nada mais é determinado “naturalmente”. No capitalismo, o indivíduo “pode tudo”. O filho do operário não será obrigatoriamente operário. Pode até ser doutor, desde que se esforce, estude, trabalhe e lute. Tudo depende dele. Seu destino está nas suas mãos, como nos faz crer a ideologia do capitalismo. E, então, é neste momento que a escolha ocupacional se coloca como questão” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 409).

Na estrutura do capitalismo, o “lugar” dos(das) negros(as) na estrutura produtiva também se verifica no emprego público. Mesmo sendo aquele no qual há uma maior aproximação na representatividade entre negros(as) e brancos(as), apresenta-se como um divisor entre os empregos hierarquicamente mais elevados e mais bem remunerados e os empregos menos prestigiados e com um menor salário (ANDREWS, 1998, p. 199)

Diante do cenário exposto, a pergunta que se faz é: O racismo influencia a escolha ocupacionais de negros e negras? Não foram encontrados estudos que apresentem racismo e/ou mostrem sua influência na escolha ocupacional do indivíduo. Por isso a pesquisa pretende entender se existe influência do racismo nas escolhas ocupacionais da população preta.

2. MARCO TEÓRICO

O Brasil recebeu cerca de 40% de todo povo africano escravizado que acabou sendo enviado para as Américas, foi o último país a abolir a escravidão, convivendo por quase 400 anos com a forma de trabalho compulsório, fato que marcou a sociedade brasileira de várias formas (PAIXÃO, 2008). O término da escravidão oficializada não implicou em melhores condições de vida e oportunidade para os negros brasileiros. Ao contrário, no processo de vida de todo povo negro residente no país, várias estratégias mantiveram a prática histórica de destruição da identidade do negro para conservação da escravidão com outras roupagens como: subalternização do negro, inferiorizar o negro, incapacidade intelectual, preconceito contra religiões afro brasileiras, hipersexualidade entre outros.

De acordo com Rocha (2015) consequências sentidas pela população negra, principalmente as dificuldades encontradas no acesso ao mercado de trabalho, à saúde e à educação de qualidade, a falta de representatividade em diferentes campos de projeção social. Entretanto, o tema não é discutido, pois no imaginário dos brasileiros o racismo e a discriminação racial são problemas que acontecem em outros países, é a ideia do mito da democracia racial. E por causa do mito da democracia racial a população não consegue perceber que existe uma relação de privilégios da população branca em detrimento da população negra, o que resulta em uma sociedade estruturada no racismo e injustiça.

Segundo Nancy Fraser (2008) existem dois tipos de injustiça nas sociedades modernas: primeiro a injustiça que envolve problemas de distribuição e a injustiça que envolve problemas de reconhecimento. Em relação aos afrodescendentes no Brasil a injustiça decorrente de problemas de distribuição, originou-se no período da escravidão e pós-abolição, por não ter realizado uma distribuição justa e imparcial dos recursos e riquezas na sociedade, tendo um problema de natureza sócio-econômica. Já a injustiça que envolve problemas de reconhecimento está relacionada à desaprovação de características relacionadas à cultura, e vão ter repercussão na autoestima e no bem-estar dos integrantes daquele grupo (FRASER, 2008; GOMES, 2016).

Para Nancy Fraser (2008) o contingente de negros no Brasil é um subconjunto do contingente do número de pobres no país. Sendo assim, vindo de uma classe social mais

pobre, os estudantes que frequentam escolas públicas não têm a mesma oportunidade de ingressar em universidades públicas se comparados com os alunos de rede de ensino privada. Logo as oportunidades com melhores condições de trabalho também ficam mais distantes. De Oliveira e Miranda Ribeiro (2016) afirma que a desigualdade de raça e de gênero no mercado de trabalho chega a várias proporções, entre elas o acesso diferenciado às ocupações por causa da cor da pele ou do sexo do indivíduo. E completa que esta diferenciação entre os grupos na inserção ocupacional acaba criando a segregação ocupacional, concentrando-os em ocupações que estão posicionadas em níveis de desigualdade. E completa:

“A segregação no mercado de trabalho tem consequências: entre grupos socialmente desiguais, separá-los e atribuir-lhes diferentes funções facilita tratá-los desigualmente. Nas sociedades contemporâneas, nas quais as ocupações dos indivíduos os localizam no sistema social de renda e status, segregá-los em diferentes ocupações contribui para menores remunerações e menos poder social para as minorias, no caso, mulheres e não-brancos. Neste sentido, a segregação persiste porque beneficia uma parcela de indivíduos; os beneficiários da desigualdade teriam um incentivo para preservá-la, mesmo que de maneira inconsciente, se utilizando das suas vantagens no mercado de trabalho.” (DE OLIVEIRA e MIRANDA-RIBEIRO, 2016).

Essas condições desiguais de acesso a oportunidade de ocupação com projeção social se estenderam ao longo de toda vida de todo povo negro, mesmo com o fim da escravidão. A exclusão permaneceu, os negros continuaram pobres, vivendo em condições precárias, inseridos em ocupações subalternas, com baixos salários, sem seguridade social e sem amparo do estado. Sem nenhuma oportunidade.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVOS GERAIS:

Compreender a influência do racismo na escolha ocupacional da população negra.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Descrever as escolhas ocupacionais dessa população.
- ✓ Explicar as escolhas ocupacionais dos pretos e pretas
- ✓ Relatar os episódios de racismo e se interferiam nas suas escolhas.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem. É a inter-relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Interpreta os fenômenos e atribui significado aos mesmos (GIL, 1991)

Richardson (1999, p. 102) a pesquisa qualitativa permite o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno". Por esse motivo, a validade da pesquisa não se dá pelo tamanho da amostra, como na pesquisa quantitativa, mas, sim, pela profundidade com que o estudo é realizado.

Os participantes da pesquisa foram 05 adultos com idade acima de 18 anos, que se autodeclararam negros, sendo homens e/ou mulheres. **Cenário de pesquisa.** Ceilândia Norte. **O instrumentos para coleta de dados em primeiro momento foi pensado na** entrevista derivada das entrevistas grupais, contudo houve uma necessidade de adequação, pois as pessoas não aceitavam o grupo focal. Foi realizado ajuste para entrevista semiestruturada. Buscou-se então definir que as entrevistas estariam relacionada com os pressupostos teóricos. *A entrevista é método conforme Godoy (2005) mais utilizados na pesquisa qualitativa que dá voz ao interlocutor. Fraser e Gondim (2004) afirmam que a entrevista é para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante.*

4.1 Análise de dados

Para análise de dados utilizamos a narrativa biográfica desenvolvida pelo sociólogo Schütze (1984), e, posteriormente, incrementada por Gabriele Rosenthal (2004; 2008) pois, permite a reconstrução de tipos de trajetórias biográficas, a construção de tipologias de interpretações do mundo da vida. A narrativa biográfica, permite, obter elementos importantes

para a análise das interpretações subjetivas sobre a ação e seu contexto social, considerando-se, que qualquer narrativa é uma interpretação a partir de uma situação biográfica determinada (SCHUTZ, 1979, p. 73).

Para Gabriele Rosenthal (2004), o recurso da narrativa biográfica pode ser assumido como a possibilidade de combinação de uma abordagem diacrônica (a própria biografia) com uma abordagem sincrônica (a biografia interpretada a partir de um momento biográfico específico, o presente). Ainda para autora a análise biográfica permite obter os dados necessários para a análise do sistema de relevância compartilhado entre grupos de pessoas que compartilham experiências semelhantes.

As entrevistas foram transcritas e foram analisada, conforme à *análise reconstrutiva e sequencial*. Para Gabriele Rosenthal (2004) a *análise reconstrutiva* significa que a entrevista não é abordada com categorias pré-definidas, nem submetida a teste de hipóteses formuladas *a priori*. O objetivo da reconstrução é decodificar tanto o significado da experiência biográfica vivida no passado quanto o significado da apresentação realizada no presente. Gabriele Rosenthal (2004) na *análise sequencial*, que é antecedida pelo levantamento dos eventos ao longo da vida do biografado, o texto transcrito é interpretado em pequenas unidades de acordo com sua forma sequencial, ou seja, a sequência como o texto é criado no momento da entrevista. No decurso do tempo necessário à audição das narrativas tomam consciência de que a rememoração é um processo associativo que se refina e se enriquece. (JOSSO, 2010, p.68)

Cada dado da sequência biográfica é inicialmente interpretado sem se confrontar com a totalidade do que foi apresentado na entrevista, mas seu significado, para quem analisa, vai ganhando consistência na medida em que avança a análise de toda a entrevista, quando cada evento narrado é interpretado dentro do contexto da própria entrevista.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na subcategoria verbal os conteúdos eram lógicos e sequenciais, em todos os participantes apresentava os temas do racismo de forma clara. Apenas 1 participante com alguma tangencialidade, não conseguiu focalizar-se num tópico e apenas contornando superficialmente tema do racismo.

Houve mudança nos nomes dos participantes por segurança, por isso citaremos brevemente esses nomes apresentados no trabalho com as respectivas idades para que haja um melhor entendimento. Sebastiana (22 anos), Bira (58 anos), Vera (66 anos), Marcos (19 anos) e Antônia (30 anos).

5.1 Narrativa biográfica

A idade de percepção do racismo a partir da infância e da adolescência para 2 dos participantes, sendo que os 3 restantes se iniciaram já em idade adulta. Para as participantes da fase adulta, as percepções iniciaram-se com o companheiro e referiram como motivos para consumir a pressão ou influência do mesmo. Os motivos apontados pelos que se iniciaram na infância e na adolescência foram de natureza hedonista. Toda experiência de vida envolve uma dimensão social, sem um indivíduo não há sociedade ou possíveis tipos de ação. No entanto, não é um dado indivíduo, mas a partir dele entende-se um fragmento de realidade sócio-hospedeira, formando-se um objeto social (Bertaux, 1997).

5.2 Análise das narrativas que se seguem diz respeito a percepção sobre o racismo vivenciado ou narrado a partir da vivência de outros membros familiares.

Maria Aparecida Bento (2012) relata que a consciência sobre a condição de branca como bonita e negra como feia, aparece em todos os espaços sociais, sendo incluída no espaço escolar e familiar. Que acaba orientando o posicionamento das crianças quando o entendimento é similar de que branco é bom e bonito, e preto é ruim e feio.

A percepção partiu da suposição, nutrida por experiências na infância e adolescência, de que o racismo vivenciado em geral suprime e tenta inferiorizar os sujeitos e cidadãos. Narrativa da entrevistada Sebastiana quando narra sobre vivências de sua mãe:

- *“Minha mãe também fala muito do que ela passou na escola, que ela tinha que bater nos meninos porque eles xingavam ela de nomes racistas, chamavam ela de “cabelo ruim” “fedorenta” e pra se defender ela tinha bater mesmo”* . E compara a sua vivência com a da mãe, *“Muitas vezes, porque na escola eu sofria as mesmas coisas (Sebastiana).*

Lélia Gonzalez (1984) mostra que esses xingamentos como na música antiga “ Nêga do cabelo duro” mostram de uma forma direta o seu objetivo, que o cabelo da negra seja liso, dizem que o cabelo é ruim. Isso acaba entrando tanto na mente da mulher negra, que como consequência acaba usando creme para relaxar os cabelos, esticando-os fazendo com que a preta sinta vergonha de si mesma.

A mãe de Sebastiana usou a violência física como arma de defesa para tentar combater a violência psicológica e emocional. Compreendemos que essa vivência tem uma influência que nasce do racismo e tem um impacto muito grande no crescimento dessa criança negra. Pois, são episódios que faz o negro sinta vergonha das suas características ancestrais.

Ao sentir vergonha de si, a mulher negra se rende as mudanças pela pressão e não por sua própria vontade, tentando chegar cada vez mais perto do que é ditado pela sociedade como bonito e belo, que seriam as características mais próximas ao fenótipo da população branca. Lélia Gonzalez (1984) chama atenção:

“E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?)” (GONZALEZ,1984).

Maria Aparecida Bento (2012) destaca que o legado de nossos antepassados está presente em algum lugar dentro de nós e ele pode surgir e ser vivido no cotidiano. As famílias acabam criando um lugar simbólico e/ou afetivo de grande importância para o mundo escolar, principalmente na hora do reconhecimento do potencial da criança, o interesse pelo estudo, fechando parcerias e cuidados com os estudantes. Criando assim uma resistência ao racismo que dentro da escola tem o papel de expulsar a população negra (SILVA E SAWAIA, 2018). Conforme relatos:

“ A gente se entende um pouco as vezes, mas de resto é muito bom porque a gente se entende bastante e é sempre desde quando eu nasci eu sou muito apegado a minha mãe, então a gente tem uma relação forte (Marcos).”

“ Bom, vem muito a imagem da minha família né?, porque é toda de pessoas negras, e toda vez a gente sempre discute sobre essas coisas lá em casa, então assim. Quando alguém me fala de racismo, eu lembro de coisas que minha família pode passar ou que minha família já passou, então é, eu fico muito triste com essa palavra e saber que hoje em dia ainda existe tão na cara de todo mundo e ninguém faz nada (Sebastiana). ”

A família tem um papel muito importante no espaço de reconhecimento de identidade e superação. Lembrando que a estrutura de família não está ligada a estrutura colonial onde temos um pai, uma mãe, um filho e talvez irmãos. Está família em sua grande maioria tem a mulher como pilar de sustentação de todo o restante dos integrantes e na maioria das vezes são mães solo, devido ao racismo e as condições econômicas.

A baixa condição econômica tem como efeito a discriminação multifacetada que faz combinação com a concentração do segmento negro nos bairros periféricos e pobres. Onde pode-se observar a ocorrência de diferentes formas de discriminação econômica, social bem como a violência simbólica (BENTO, 2012). Essa discriminação multifacetada está presente no relato do entrevistado:

“Quando eu ando na rua o pessoal fica me olhando, na samambaia mesmo que tem muita gente negra eu acho isso estranho e nos ônibus que eu ando com roupa normal. Quando não ando com nada da UnB que eu vi que só de colocar aquele broche que está escrito UnB o pessoal já para de te olhar com olhares estranhos (Marcos). ”

É possível dizer que os olhares que Marcos recebe na rua, caracterizam um estereótipo ligado ao homem negro, como vimos negro é relacionado a tudo que é feio, é visto como uma ameaça para a sociedade, sendo estereotipado como bandido, vagabundo, baderneiro e aproveitador. Lélia Gonzalez (1984) já chamava a atenção para o mito da democracia racial, que oculta algo para além daquilo que mostra. Ela deixa claro que o mito da democracia racial exerce sua violência de uma forma simbólica.

No caso de mulheres, muitas trabalham como domésticas, e a sua valorização está atrelada a ser boa de trabalho braçal na casa dos senhores e os servir sexualmente. E seguindo esse caminho descobrimos que os termos mulata e doméstica são marcadas de um mesma forma (GONZALEZ, 1984). Vemos um exemplo no relato de Vera:

“Ah! Teve uma vez que eu fui trabalhar na casa de uma família, eu não sei se era por causa da minha cor ou se o homem mesmo era safado. Nós era duas, ela dormia na cama de cima,

era beliche, e eu dormia na cama de baixo, ai um dia de madrugada eu acordei com ele em cima de mim, o patrão, e eu gritei. A menina acordou e ele saiu correndo. No outro dia que a gente foi falar com a patroa, ela disse que a culpa era minha, que eu tinha dado confiança para ele, se eu pouco via... era só da cozinha pro quarto. E aí me mandou embora, ela disse que a culpa era minha ”.

Ao ler o relato pensamos em como isso pode acontecer no local de trabalho e nenhuma atitude ser tomada, a trabalhadora doméstica já não tem o seu trabalho valorizado, não é vista como alguém que deve receber o mínimo de respeito, é vista como alguém que causa provocação e tenta se aproveitar de seus patrões. Mas devemos lembrar que essas mulheres passam diariamente por abusos no local de trabalho, mas não é de hoje que isso ocorre, é desde a época da escravidão, quando pegamos a imagem da empregada doméstica e retrocedemos para a imagem da mucama. Lélia Gonzalez (1984) observa que o desenvolvimento que faz ligação entre a mulata e a doméstica vai ser feita a partir da figura da mucama. Onde essa mulher tem que ser ocultada, reprimida, deixada fora da cena, mas isso não quer dizer que ela não está lá carregando sua “malemolência perturbadora”.

Essa é apenas uma das formas que o racismo lidera dentro do local de trabalho dessas mulheres, outro fator que é muito expressado através do racismo é o de inferioridade que acontece sobre tratamentos desumanos. A estrutura de concepção de ser humano, é vista como o homem, branco, cristão, burguês, proprietário e heterossexual. Ele impõe o reconhecimento apenas do que é idêntico a ele e como consequência vai objetificar o outro, que é visto como ser diferente e deixando de reconhecer a sua humanidade. O discurso que foi fruto do colonialismo, tem seguimento até os dias atuais que vai servir para inúmeros propósitos, onde a população negra sofrerá as consequências desse instrumento de opressão (CORRÊA, 2016)

Esse processo de desumanização foi vivenciado pela entrevistada no local de trabalho enquanto jovem “ *Quando eu peguei a gravidez eu trabalhava na casa de um coronel do exército, ele e a esposa me tratavam super bem, mas já tinha a sogra dele... que nossa senhora, oh! velhinha que me humilhou. E quando eu fiquei grávida aí que ela me humilhava mesmo (...) (Vera)*”. Vera acrescenta mais lembranças de sua vivência “*Ai muitas coisas, na alimentação, e teve uma vez que eu saí um pouco, num sei se foi quando eu fui na casa de um parente. Eu acho que já eram umas 21h a porta que tinha que entrar pro quarto tava trancado e eu tive que dormir na área, passei a noite na área. É muita coisa que a gente passa (Vera).*”

Entende que as desigualdades sociais brasileiras não são apenas de classe, mas também de cor/raça (SILVA & SAWAIA, 2018). Temos aqui a percepção do racismo diante das diferenças de raça e classe vivenciados pelo irmão, em um curso considerado de elite, na universidade “(...) agora meu irmão entrou na faculdade, ele entrou na unb, como lá é tudo de uma vez, é muita informação a gente acha que ele tá sentindo mesmo na pele sabe? Por que ele estudava na samambaia em uma escola pública e tinha mais pessoas pretas no convívio dele, e agora no curso dele que é de engenharia mecatrônica, e todo mundo entrou lá com um computador top de linha e ele sem condições de ter um computador. Mas eu não sei até onde ele tá sentindo essas coisas.” e relata sua vivência “Ah! é a universidade! O estudo, porque antes eu achava normal eu ser uma preta em sala de brancos, eu considerava isso normal, não considerava uma coisa “nossa mais como assim?” E aí depois, mesmo lá em casa tendo sempre esse debate sempre esse assunto, eu acho que eu ainda não tinha consciência, depois que eu passei na faculdade que eu fui vê os índices, as taxas, as informações, os artigos que eu fui perceber mesmo a diferença (Sebastiana).”

A universidade sempre foi vista como um local que representa poder, inteligência, e é vista como um local de elite. O acesso da população negra a uma educação de qualidade sempre foi negado, logo a inserção na universidade não era nem uma possibilidade. Com isso conseguimos identificar nos relatos anteriores que os negro que estão inseridos neste lugar de poder tem uma visibilidade diferente dos que não estão, e não somente isso, eles começam a ter acesso a debates, reflexões, conhecimentos e percepções diferente das ditas “populares”. Podendo ampliar sua visão e entender o significado do espaço do corpo negro na sociedade.

5.3 Análise das narrativas que se seguem, diz respeito a falta de oportunidade associada com o racismo vivenciado ou narrado a partir da vivência de outros membros familiares.

De acordo com Marcos Silva e Sawaia (2018) a educação da população negra no Brasil é um instrumento importante para dar força na luta contra o preconceito relacionado a essa população, pois a falta de qualificação profissional leva o negro a entrar no mercado de trabalho de uma forma precoce e essa inserção faz com ele acabe abandonando os estudos ou deixando de se dedicar por falta de oportunidades, ficando assim em uma condição de

desigualdade que reflete em diferentes níveis educacionais como ensino médio, ensino superior e pós - graduação.

De acordo com Rocha (2015) observando os inúmeros serviços que estão agrupados na categoria de serviço doméstico, foi comprovado que a maioria não exige uma qualificação acadêmica. Todas essas ocupações exigem uma grande carga horária e contém uma remuneração muito baixa quando são comparadas com as ocupações que exigem uma qualificação profissional acadêmica. Olhando pela perspectiva da falta de acesso à educação na infância e adolescência podemos observar no relato de Vera qual foi a sua principal ocupação durante anos:

“ A minha infância foi na roça, nasci e fui criada na roça. Quase não estudei, porque não tinha como estudar, trabalhava na roça. Eu vim começar a estudar um pouquinho quando eu vim pra cá pra Brasília com 13 anos (...)E fiquei por aqui, arrumei trabalho doméstico e nesse meio tempo com 18 anos engravidei do paulo, que é meu filho. Ai tava estudando e tive que parar, porque tava trabalhando em casa de família e não tinha aonde ficar com ele ”

Vera sempre teve em sua mente um sonho e deixa claro essa vontade, e em um segundo momento evidencia a frustração que sente por não ter tido a oportunidade de estudar.

“ Queria poder ter estudado, muita coisa eu não tenho e eu deixei de ser por causa do estudo que eu não tenho. E era meu sonho, quando eu comecei a ficar mocinha, sabe?. Era estudar, ter um bom emprego, essas coisas mas eu nao consegui por causa que eu não estudei e a burocracia. Hoje em dia se você não tem estudo você não consegue nada, e as maiores dificuldades também na vida da gente é por aqui e você viver sozinha é muito difícil, você é muito apontada como muitas coisas ruins que você não é”.

A entrevistada aponta rapidamente a dificuldade de viver sem um estudo, e como é o olhar e o julgamento dos outros a alguém que não tem uma qualificação, e ainda liga todos esses marcadores ao gênero feminino. De acordo com Marcos Silva e Sawaia (2018) no Brasil as mulheres enfrentam obstáculos para manter o trabalho, e um deles é a conciliação da educação dos filhos pequenos e a jornada de trabalho, já que não há vagas em creches públicas por falta de um número que atenda a demanda. E deixa claro quando relata em outro

momento da entrevista momento: “*Queria poder ter estudado, muita coisa eu não tenho e eu deixei de ser por causa do estudo que eu não tenho (Vera)*”.

Quando perguntada do que gostaria de ser, Vera relatou que gostaria de ter sido professora, e relata, como o estudo sempre foi um sonho jamais alcançado. Observe: “*Tinha uma prima minha que conseguiu estudar fora e era professora e então são coisas que... eu tenho muita coisa que foi frustrada na minha vida*” e completou “*Na roça não dá pra você conhecer ninguém, não tinha televisão nem nada. Eu me espelhava mesmo nas pessoas que a gente conhecia as vezes na cidade, na igreja. Você querer ser algo maior dentro da igreja igual o fulano que conseguiu estudar, conseguiu isso, conseguiu aquilo. Muitas vezes eu tinha vontade de ser igual ou chegar igual aquela pessoa fazia na igreja ou na comunidade, e às vezes eu não conseguia.*”

Olhando agora por uma perspectiva de representatividade, nós sabemos que a representatividade tem um poder inimaginável para impulsionar o ser humano. Podemos dizer que de uma certa forma a mídia também tem um papel importante tanto para aspectos positivos como para aspectos negativos. Braga (2017) diz que a comunicação da mídia é um elemento que faz parte da vida contemporânea, pois os meios de comunicação atuam desde a construção de identidade até a percepção e o entendimento do Estado, e que essa representação do negro possui um maior poder de influência na vida social. O relato do entrevistado, diante de uma experiência inspiradora através da mídia “*...naquela minha época a televisão era escassa, quase ninguém podia ter uma TV, me lembro que um tempo minha mãe comprou uma TV que era do tamanho desse armário aí, era um caixote. Ela deixava eu tomando de conta dos meninos, que eu sou o mais velho pra ela ir trabalhar e era presa a televisão. Mas naquela época já tinha nosso amigo que já fazia as histórias que era Pelé, Edson Arantes do Nascimento. Então hoje em dia os jogadores chamado né.. As pessoas que jogavam bola, se espelhavam nessa pessoa (Bira).*”

Bira tinha Pelé (Edson Arantes do Nascimento) como referência negra na sua vida, reconheceu onde poderia chegar e entendeu que o esporte era um meio de ascensão na sociedade. Ele relata a oportunidade que teve como jogador de futebol:

“*Eu tive uma oportunidade de ser jogador de futebol no passado, mas as necessidades de ajudar mãe e ajudar tudo (...)Ai uma semana treinando, quando foi pra fechar o contrato o*

diretor do Brasília me ofereceu tanto em dinheiro, ai eu disse “ não tem que ser dobrado, porque eu ganho tanto lá no SERPRO, pra mim sair do SERPRO tem que ser um negócio a mais” aí ele “ não é que depois de 6 meses que nós vamos renovar” ai eu falei que não queria, ai ele disse “ então vamo lá, que eu vou devolver você para o seu superintendente que ele te liberou pra você treinar”. Aí quando chegou aqui no SERPRO na L2 ele perguntou o que eu queria aí eu disse “não, vou continuar trabalhando no SERPRO”. Mesmo assim, Bira reconhece a oportunidade que lhe foi tirada “então quer dizer, eu não tive muita oportunidade”.

A oportunidade foi tirada dele, a partir do momento que a estrutura o pressionou a escolher entre ajudar a família ou seguir seu sonho, pois Bira era um pilar para ajudar a sua mãe. Mesmo quando o patrão o pergunta o que ele decidiu, Bira é pressionado a desistir da sua verdadeira escolha por falta de um suporte que não foi lhe dado desde a infância, onde as responsabilidades da casa sempre foram incumbidas a ele. Fazendo assim, com que ele siga o caminho de escolher outra ocupação para sua vida. Como deixa claro em seu relato:

“Hoje o governo peca de não ter esse colégio agrícola e aquele internato, para dá suporte pras mães que não tinham condição de deixar o filho em casa igual minha mãe não tinha” e acrescenta “ Essa vivência foi de 8 anos até o dia que eu fui para o colégio interno. Porque quando minha mãe conseguiu essa vaga no colégio interno, precisava pra não perder a vaga, ai minha mãe virou pra mim e disse “ oh meu filho você é o mais velho e você vai, pra pelo menos quando você sair, você me ajudar junto com a outra sua irmã (...) Aí foi quando nós saiu do colégio, que era aquele dinheirinho que a caixa dava pra nós no final do mês, o diretor não dava pra gente, colocava numa poupança que chamava colmeia, quando eu sai eu peguei esse dinheiro e foi quando nós construímos nossa casinha.”

5.4 A análise das narrativas que se seguem diz respeito a influência do racismo nas escolhas ocupacionais, percebida nas narrativas ou não.

Abdias Nascimento (1978) já chamava a atenção para a falta de acesso do negro-africano na Universidade brasileira. Alertando a continuidade no modelo europeu ou norte americano e destaca que as populações afro-brasileiras são tangidas para longe do chão da universidade. E chama a atenção para o fato da intimidação da sociedade brasileira na hora

de falar sobre a identidade negra na universidade, onde levantar essas questões era a mesma coisa que provocar todas as iras do inferno e um grande desafio para os raros universitários afro-brasileiro.

Sebastiana relata quais cursos ela pensava em fazer depois de formar no ensino médio. *“Eu pensei em medicina, direito, veterinária, tudo.”* e explicar melhor o motivo dessas escolhas *“O direito foi porque a minha mãe ela tinha me falado que antigamente ela tinha interesse em fazer direito, e eu falei nossa, minha mãe quer eu vou pelas escolhas dela, tanto que quando eu falei que pra ela que eu queria fazer ela se emocionou bastante, só que enfim não deu certo. Medicina por causa do nome medicina, imagina uma pessoa preta fazendo medicina, se formou em medicina, como isso ia ser lá em casa. E é isso.”* e completa *“Ah seria tudo né?”*

Se a população negra têm dificuldades de entrar nas universidades quantos deles ao menos chegar a prestar o vestibular para medicina? ou passar neste curso? Levando em conta que outros fatores também influenciam essa escolha e a permanência na mesmo. É bom ressaltar, que mesmo dentro da universidade a população negra é mais presente em cursos considerados com menos projeção. Mesmo com o crescimento do negro na Universidade, a participação dos negros em cursos de maiores projeção, a exemplo de medicina, ainda muito pequena.

“(...) Total, tanto que eu já pesquisei alguns programas de medicina em outros países, só que o que eu sempre pensava, é que tipo não, não vou fazer nesse país porque esse país é racistas.” *“Eu até pensei em cursar medicina aqui, só que pela dificuldade também, a horas que você tinha que se dedicar pra estudar, é muita coisa e eu tenho que ajudar minha família de alguma forma, mais rápido possível.”*

De acordo com Marcos Silva e Sawaia (2018) o sistema educacional é ainda mais importante para os negros, pois seria uma das formas que os negros poderiam superar as desigualdades de origem, se qualificando e ascendendo. Podemos observar isso no relato:

“Não, quando eu era criança o pessoal tinha umas brincadeiras, isso era bem no início aí depois o pessoal via que eu tirava notas mais altas aí acabava com a brincadeira ali.” E completa *“No ensino médio no meu primeiro ano, nos primeiros meses tinham essas*

brincadeiras só que ai depois minha médias foram lá no alto e eu ainda joguei o nacional de xadrez representando o IFB, que foi onde eu estudei. Então o pessoal ali não me zoava por nada (Marcos).”

Observamos que a possibilidade de ter uma melhor educação pode levar o povo negro a alcançar patamares mais elevados dentro da sociedade como tirar notas melhores e mostrar o seu potencial, podem fazer com que o povo negro diminua as práticas racistas sobre eles, não anulando -as. Além de alcançar melhores condições de vida, melhorando a perspectiva sobre si mesmo e sendo influência para outros negros. Como relata Marcos:

“ Eu indo pro campus, eu lembro que eu vi a placa da unb assim e eu fiquei pensando, caramba. É o novo degrau pro meu caminho, que eu tenho que chegar lá, que é poder ter a capacidade de fazer robôs, de maneira correta.”

De acordo com Munanga (2004) esta distinção é importante para entendermos que as políticas de ação afirmativa na educação superior e no serviço público federal, estão sendo caracterizadas por adotarem uma perspectiva social, com medidas redistributivas, baseadas em concepções de igualdade.

No Brasil a mulher negra constitui o maior número de trabalhadoras domésticas e isso se relaciona com a forma tradicional de concepção de gênero, pois é visto como uma habilidade natural das mulheres. Olhando para esses fatores e a construção de um cenário de desigualdade, onde as mulheres negras têm menor escolaridade e um maior nível de pobreza. O trabalho doméstico acaba se tornando uma das poucas opções de renda , já que acaba sendo desregular e de baixo salário (DE OLIVEIRA e RIBEIRO, 2016). Como mostra o relato da entrevistada mostrando a sua experiência no mercado de trabalho, chamando atenção para a falta de burocracia na inserção no trabalho doméstico:

“Assim, meu serviço sempre foi em casa de família (...) (Vera)”

E continua, mostrando a sua visão sobre o trabalho doméstico ser visto como um trabalho para pessoas negras:

- *“ É até um serviço que num tem muita burocracia em termo de cor, o que eu vejo é que é o mais apoiado. Porque você vai como doméstica e não tem muita coisa com o negócio de cor.*

Tenho certeza que não tem muita, parece que é a que mais emprega porque é negro ou negra, porque como se diz... naturalizado como escravo todo mundo até abraça bem no começo, mas tem muito serviço doméstico que tu é muito humilhada, muito humilhada (Vera).”

De acordo com Maria Aparecida Bento (1995) as práticas discriminatórias no ambiente de trabalho ocorrem de uma forma sistemática, pois as empresas e seus representantes nem sempre vão ser explícitos com seus critérios raciais. Essas práticas bloqueiam de forma visível o acesso das negras a determinados tipos de empresas ou de empregos, acabam impedindo a mobilidade profissional acarretando em avaliações de desempenho tendenciosas e influenciam nos processos de demissão (BENTO, 1995).

Olhando pela perspectiva de Miranda e Ribeiro (2016) a organização social dos mercados de trabalhos ocupacionais, mostra que as ocupações teriam uma tipologia de raça que seria diferenciada para cada sexo, assim deixando essa divisão no mercado de trabalho.

Essa divisão no mercado de trabalho mostra como o branco, usa do seu espaço para subalternizar e inferiorizar o trabalhador negro no ambiente de trabalho. Como relata Antônia: *“Quando eu trabalhava na Americanas mesmo, a minha chefe achava que eu não conseguia fazer o trabalho, ela era claramente racista.”*

Episódios racistas que acabam ocorrendo próximo de outra pessoa negra, também vão impactar neste negro que observa todo o ocorrido. A dor e o incômodo diante do racismo é compartilhado entre esse povo, o racismo impacta todo povo negro.

“Uma vez teve um episódio, teve uma mulher negra que chegou na loja com um problema, acho que ela comprou alguma coisa e queria trocar porque não funcionou ou alguma coisa assim, aí na hora de trocar a minha chefe tava comigo na sala e ela falou “preto quando num faz merda na chegada, faz na saída” e eu do lado dela, olhando pra ela “oi eu sou preta (Antônia).”

Por ocupar um cargo mais elevado dentro daquele âmbito de trabalho a chefe usa o seu status como liberdade para constranger e diminuir a raça negra, sentindo-se protegida pelo seu lugar social, encurralando Antônia nesse meio sem poder questionar as atitudes da chefe. E completa:

“(...)e aí ela achava que eu não conseguia fazer as coisas, e eu via que era por causa disso, porque a menina que era branca era super valorizada no trabalho e eu não era e eu fazia muito mais coisa que ela e eu mostrei que eu era bem mais capaz que a outra, não to falando

que a cor dela tinha que diminuir ela, mas eu dava conta de fazer e era muito capaz de fazer bem melhor que outras pessoas.”

Além de todo o processo de desconfiança, ele também está ligada ao processo de teste de capacidade que também é relatado pela Antônia “*Sim, eu tinha que me esforçar muito mais para mostrar que eu sabia fazer aquilo, coisa que todo mundo sabia fazer mas só eu era a vigiada (...)*” e também como arma de desconfiança e marginalização “*Assim, pra arrumar uma sessão, eu e a outra menina sabíamos fazer isso, mas só comigo a minha chefe ficava lá olhando pra vê se tava tudo certo, pra vê se tava tudo no lugar. A outra num era, ela deixava a Deus dar, a menina fazia e falava “ tá pronto” e ela aceitava, mas comigo não ela tava lá olhando.*

7. CONCLUSÃO

Entendendo que a população negra sofre com as diferenças raciais desde quando pisou em terras brasileiras, desde então essa diferença perpetuou por centenas de anos até os dias atuais. Subalternizando o negro de forma direta ou indireta, retirando dele até mesmo direitos que são assegurados pela constituição.

Foi possível observar com os relatos dos entrevistados que mesmo tendo um sonho, uma vontade e acreditando no seu potencial, nem sempre isso é necessário para conseguir alcançar aquilo que deseja, pois na maioria das vezes a necessidade e a responsabilidade da sobrevivência do outro familiar são marcadores influenciados pelo racismo que vão modificar as escolhas ocupacionais dessa população.

Conclui-se que o racismo é uma arma de dominação que influencia as escolhas ocupacionais da população negra, pois ele está inserido na estrutura da sociedade brasileira. Podendo diminuir e modificar as oportunidades do negro, modificando também suas opções, que não necessariamente serão escolhidas através da sua vontade mas sim pela necessidade. Observa-se que é preciso ampliar as pesquisas dentro deste tema, ampliando o conhecimento em cada área citada como, educação e trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, G. R. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: EDUSC, 1998.
- BENTO, M. A. S. Mulher negra no mercado de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 479, 1995.
- BENTO, M. A. S.. *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: CEERT, 2012.
- BERTAUX, D. *Les récits de vie*. Collection 128. Paris: Nathan, 1997.
- BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias uma introdução ao estudo da psicologia*. Editora Saraiva, ed. 13, 2001.
- BRAGA, C. F. Mídia, Jornalismo e Cidadania: A representação do negro na mídia televisiva no Brasil. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 126-138, 2017.
- CARLETO, D. G. S.; ALVES, H. C.; GONTIJO, D. T. **Promoção de Saúde, Desempenho Ocupacional e Vulnerabilidade Social: subsídios para a intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes acolhidas institucionalmente**. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 1, p. 89-97, jan./abr. 2010.
- CORRÊA, F. M.. Opressão e alienação no discurso colonialista: a experiência do negro como identidade inferiorizada. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 4, n. 2, p. 77-92, 2016.
- DA SILVA, M. A. B.; SAWAIA, B. B.. Influência familiar e a mobilidade educacional de pós-graduandos negros. **Athenea digital**, v. 18, n. 3, p. e2150, 2018.
- DEBUS M. *Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development, 1997.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41. 2006.
- DE OLIVEIRA, A. M. H. C.; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Diferenciais ocupacionais por raça e gênero no mercado de trabalho metropolitano no Brasil. *Anais*, p. 2687-2717, 2016.
- Do Distrito Federal. **Perfil do Negro no DF- 2011-2015 escolaridade, ocupação e rendimento e inclusão digital**. 2017
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008
- FERNANDES, V. B; SOUZA, M. C. C. C de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. • n. 63 • abr. 2016 (p. 103-120)
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G.. DA FALA DO OUTRO AO TEXTO NEGOCIADO: DISCUSSÕES SOBRE A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA. *Paidéia*, 2004, 14 (28), 139 -152
- FRASER, N. *Redistribuição, Reconhecimento e Participação: Por uma Concepção Integrada da Justiça*. In: SARMENTO, Daniel et al (Org.) *Igualdade, Diferença e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.
- GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005.

- GOMES, O. C. O. V. AÇÕES AFIRMATIVAS: SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS SOB A PERSPECTIVA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS. **THEMIS: Revista da Esmec**, v. 8, n. 2, p. 51-72, 2016.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- HALL, S. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. Política de cotas raciais, os "olhos da sociedade" e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). **Horizontes antropológicos**, v. 11, n. 23, p. 181-214, 2005.
- MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Mazza Edições, 2007.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUNANGA, K. Uma abordagem Conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Cadernos PENESB. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói, Rio de Janeiro. N5. p. 15-23, 2004.
- MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 51-66, 2004.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora paz e terra, 1978. 183 p.
- NOGUEIRA, I. B. *Significações do Corpo Negro*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- PAIXÃO, M.; GOMES, F. Razões afirmativas: relações raciais, pós-emancipação e história. *Interesse Nacional*, ano 1, n. 4, p. 39. out.-dez. 2008.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROCHA, C. *A mulher negra e o mercado de trabalho doméstico: sob a luz da Emenda Constitucional nº 72/2013*. Curitiba, 2015.
- ROSENTHAL, G. Biographical research. In: SEALE, C.; GOBO, G.; GUBRIUM, J.F.; SILVERMAN, D. (eds.). *Qualitative Research Practice*. London: Sage. p. 46-64. 2004.
- SCHUTZ, A. 1979. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SCHÜTZE, Fritz. _____. 1984. Kognitive Figuren des autobiographischen Stegreiferzählens. In: KOHLI, Martin; ROBERT, Günther (eds). *Biographie und soziale Wirklichkeit*. Stuttgart: Metzler.
- VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANEXO 1



Universidade de Brasília

FACULDADE DE CEILÂNDIA - FCE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa **A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLHA OCUPACIONAL DA POPULAÇÃO PRETA**, sob a responsabilidade do pesquisador Josenaide Engracia dos Santos. O projeto trata da questão de entender se existe influência do racismo nas escolhas ocupacionais da população preta. Partindo do entendimento que o racismo é um dos mais violentos preconceitos, e é consolidado por meio de agressão, exercendo uma noção de inferioridade sobre aquele humano que existe fora da rede de dominação. O objetivo desta pesquisa é Compreender o racismo influência na escolha ocupacional. O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de entrevista que será gravada. A pesquisa irá ocorrer nas cidades do Distrito Federal, em horário previamente agendado, na data combinada com um tempo estimado de no mínimo 50 minutos e em apenas um encontro para sua realização.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem provocar um desconforto pelo tempo exigido ou até um constrangimento pelo teor dos questionamentos. Os riscos estão relacionados ao conteúdo, assunto que podem provocar constrangimento, invasão de privacidade, fortes emoções, ansiedade e receio, a forma de minimizá-los será por meio da **compreensão prévia de todos os participantes da pesquisa acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, assim como serão revistas criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes.** Se você aceitar participar, estará contribuindo para aprofundamento e compreensão do fenômeno social estudado, maior conexão de significados com a realidade pesquisada e os dados podem ser utilizados para estratégias de enfrentamento do racismo.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você (**você e seu acompanhante, quando necessário**) tiver (**tiverem**) relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na **Universidade de Brasília** podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Josenaide Engracia dos Santos, na Universidade de Brasília no telefone 61-33770615 e 61-91640758, no horário de 8 às 17 horas, disponível inclusive para ligação a cobrar. **josenaidepsi@gmail.com.**

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas – CEP/IH. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo e-mail: cep_ih@unb.br e Ligue para (61) 3107-1592.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor (a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO 2

Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz

para fins de pesquisa

Eu,

autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado “*A influência do racismo na escolha ocupacional da população preta*”, sob responsabilidade de Josenaide Engracia dos Santos vinculado a Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para analisar por parte da equipe de pesquisa do som dos participantes e para apresentação em atividades acadêmicas.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Assinatura do/da pesquisador

Brasília, ____ de _____ de _____

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLHA OCUPACIONAL DA POPULAÇÃO

Pesquisador: JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 01033118.5.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas/UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.994.808

Apresentação do Projeto:

projeto de Pesquisa - Graduação em Terapia Ocupacional Faculdade de Ceilândia - UnB da aluna ISABEL CRISTINNA DO NASCIMENTO DA SILVA

Resumo: O racismo é considerado um problema social desenvolvido por meio de situações históricas que atinge negativamente a população negra até os dias atuais, interferindo na vida social, econômica e política desse povo e inclusive pode interferir na escolha ocupacional. Por isso é necessário ter um estudo sobre como o racismo influencia na vida das pessoas pretas. Compreender o racismo influencia na escolha ocupacional.

Método utilizado na pesquisa será qualitativo, que busca explorar significados que indivíduos ou grupos atribuem a um problema.

Cenário. Ceilândia norte.

Participante. 10 Adultos trabalhadores domésticas com idade acima de 18 anos, que sejam negros podendo ser homem ou mulher, desde que aceitem participar do grupo focal que acontecerá em um instituto chamado Caixa Seguradora um espaço de Ceilândia Norte.

Instrumento. Grupo focal derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais.

Tem como Hipótese: O racismo pode influenciar na escolha ocupacional

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.994.808

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender o racismo na influência na escolha ocupacional.

Objetivo Secundário:

- 1- Descrever as escolhas ocupacionais dessa população;
- 2- Explicar as escolhas ocupacionais dos pretos e pretas;
- 3- Relatar os episódios de racismo e se interferiam nas suas escolhas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto informado pela pesquisadora

Riscos: O sujeito pode sentir algum desconforto ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incomodada em falar. Para tanto, será explicado que o participante não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. O grupo será conduzido pela responsável pela pesquisa que tem formação para lidar com situações subjetivas que possam emergir. E caso seja necessário será encaminhado para uma escuta qualificada.

possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela recorrente 1

Benefícios: Os benefícios serão indiretos a exemplo dos benefícios esperados com o conhecimento gerado. O estudo estará contribuindo para aprofundamento e compreensão do fenômeno social estudado, sobre a influência do racismo nas escolhas dos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia Proposta: O método utilizado na pesquisa será qualitativo.

Participantes Estarão dentro dos critérios de inclusão indivíduos jovens e adultos com idade acima de 18 anos, que sejam negros podendo ser homem ou mulher, desde que aceitem participar do grupo focal que acontecerá na praça cidadão na Ceilândia norte. E dentro dos critérios de exclusão estão indivíduos que não são da raça negra, crianças e pessoas que não aceitem participar do grupo focal. Cenário de pesquisa: O espaço está localizado na EQNM 18/20, Praça do Cidadão em Ceilândia Norte. A coleta acontecerá na Praça do Cidadão em Ceilândia Norte – DF.

Um espaço que tem como objetivo desenvolver programas que ajudem os jovens a criar soluções coletivas gerando novas propostas inovadoras. Um dos seus projetos é o Jovem de Expressão que teve criação para tentar combater a violência que afeta a juventude, com a ajuda dos movimentos culturais como meio de transformação para esses jovens, criando um espaço que gere autonomia

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.994.808

e novas possibilidades de vida.

Instrumentos para coleta de dados: O grupo focal derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais.

As coletas serão feitas em dois encontros de quinze em quinze dias (uma vez no mês). Será utilizado um gravador para que possam ser registrados todos os relatos contados no grupo

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE adequado;
- Aceite Institucional;
- Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa;
- Roteiro de Entrevista e Grupo Focal

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1181856.pdf	04/10/2018 22:43:23		Aceito
Outros	Roteiro.docx	04/10/2018 22:41:40	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	04/10/2018 22:39:43	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Curriculo.pdf	04/10/2018 22:38:37	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	aceite.pdf	04/10/2018 22:35:25	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	cartadencaminhamento.doc	04/10/2018 22:34:39	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	termoautorizacaoimagem.doc	04/10/2018 22:33:42	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.994.808

Outros	termoautorizacaoimagem.doc	04/10/2018 22:33:42	SANTOS	Aceito
Outros	cartarevisaoetica.docx	04/10/2018 22:06:39	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cepihmodelotcle.docx	04/10/2018 19:50:36	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	04/10/2018 19:50:14	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	04/10/2018 19:45:40	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	termodeanuencia.pdf	16/09/2018 21:29:27	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 01 de Novembro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br